

## A realidade política e moral pela pena de Camões

O mesmo olhar lúcido com que Luís de Camões atenta na realidade física penetra nas realidades políticas e sociais, morais e religiosas, e mais de uma vez no-las revela com raro desassombro. O seu poema não resulta de uma evasão da vida; é a sua contemplação de muito alto, para toda a abranger. Não a exprime como artista, sem tentar conformá-la com o seu ideal de português, de cristão e de homem. Camões está a alguns séculos da teoria da *arte pela arte*. Para ele, como para os seus contemporâneos, a poesia, e sobretudo a poesia épica, tem uma função social, pois

As envejas da ilustre e alheia história  
Fazem mil vezes feitos sublimados;  
Quem valerosas obras exercita,  
Louvor alheio muito o esperta e incita. (V, 92)

Mas o Poeta não se contenta de incitar os contemporâneos pelo louvor dos antepassados. Atentando na vida circundante, não podia deixar de ajuntar aos incitamentos do louvor as representações da censura e mais de uma vez a sua pena deixa de ser a tuba épica ou a *fruta* lírica, para ser o *látigo*<sup>1</sup> da sátira oportuna.

Tudo isto, porém, é autorizado por um *saber de experiência feito, por honesto estudo, com longa experiência misturado*, tão presente no poema como o engenho, segundo na antepenúltima estrofe ele o declara ao rei.

As *experiências* e o *estudo* dão-lhe clara noção da vida nacional como internacional; o engenho aproveita habilmente o ensejo e cria a ficção adequada, para sobre uma e outra formular os seus juízos. [...]

E assim temos mais uma prova da integração do Poeta na vida do seu tempo e da projecção deste sobre o poema. Ele é, com efeito, a genial expressão da atitude reflexiva e comovida perante a realidade bem concreta do momento nacional, sem deixar de o ser de realidades que não cabem nesses limites de espaço e tempo, que são humanas e universais.

CIDADE, Hernâni, 2001. *Luís de Camões – O Épico*.  
3.ª ed. Lisboa: Presença (pp. 71 e 77) [1.ª ed.: 1950]

1. flagelo, castigo.

